Conectivos: conjunções, locuções conjuntivas e seus valores semânticos



Conectivos são elementos linguísticos que ligam partes do texto, desde palavras até parágrafos, estabelecendo entre eles diferentes relações de significado. São conectivos as preposições ("por", "para" etc.), as conjunções ("e", "mas", "porque", "se", "embora", "quando" etc.) e locuções conjuntivas ("ainda que", "logo que", "depois que", "exceto se", "uma vez que" etc.). A seguir, vamos fazer uma breve revisão das conjunções, das locuções conjuntivas e de seus significados.

Adição

As conjunções “e” e “nem” e a correlativa “não só...mas/ como também” estabelecem a relação de adição de ideias em um texto. Observe os exemplos:

Não só estudo **como também** trabalho.

Não estudo **nem** trabalho.



No primeiro exemplo, é dito que a pessoa estuda e trabalha. No segundo, afirma-se que a pessoa não estuda e não trabalha.

Alternância

A conjunção “ou” e as correlativas “ou...ou”, “seja...seja”, “quer...quer”, “ora...ora”, entre outras, conectam segmentos textuais apresentados como alternativas. Veja:

Paulo **ou** José sairá vencedor nesta eleição.

Menino, **ou** você estuda, **ou** assiste à televisão.

Adversidade

As conjunções “mas”, “porém”, “contudo”, “todavia”, “entretanto”, “no entanto”, entre outras, estabelecem oposição, contraste e diferença entre argumentos apresentados no texto. Trata-se de argumentos que conduzem a conclusões contrárias. Observe:

Você vai à festa?

Estou cansada, **mas** não posso perder a festa por nada.

O cansaço é um argumento favorável à conclusão de que a pessoa não irá à festa, porém não poder perder a festa é um argumento mais forte, que, portanto, prevalece, que leva à conclusão de que a pessoa irá à festa.

Explicação

Conjunções como “porque”, “pois”, “que”, entre outras, introduzem a explicação para o que se disse anteriormente. Neves (2000) afirma que a explicação se dá entre atos de fala. O ato de fala introduzido pelo conectivo justifica o ato de se dizer algo antes. Não se trata, portanto, de relação causa/consequência. Verifique os exemplos:

A rua está molhada **porque** choveu.

Choveu, **porque/pois** a rua está molhada.



No primeiro exemplo, a chuva é causa de a rua estar molhada. Já no segundo, a partir da constatação de que a rua está molhada, afirma-se que choveu. Trata-se, pois, de explicar o ato de afirmar que choveu (ato de fala anterior): dizer que a rua está molhada é justificativa para dizer que choveu.

Conclusão

"Logo", "portanto", "pois" (após o verbo) etc. introduzem a conclusão.

Veja:

Cheguei em casa agora, **portanto** não sei quem deixou a luz da sala acesa.

Você é homem, **logo** tem mais força do que eu para carregar as compras.

As relações semânticas de adição, alternância, adversidade, explicação e conclusão são expressas por conectivos que as gramáticas tradicionais denominam **conjunções coordenativas**. As relações semânticas seguintes são veiculadas pelos conectivos denominados **subordinativos**.

Tempo

Conjunções como "quando", "mal" e "enquanto" e locuções conjuntivas como "desde que", "logo que", "assim que", "toda vez que" etc. introduzem segmentos do texto que atuam como uma moldura temporal para algum fato expresso no texto. Observe:

Quando você sair, feche todas as portas.

Eu ainda estava em casa **quando** Mariana chegou.

Mariana saiu de casa somente **depois que** eu cheguei.

Toda vez que penso naquele jogo, sinto vontade de chorar.

Causa

Conjunções e locuções conjuntivas como "porque", "como" (sempre com a oração causal anteposta à principal), "porquanto", "já que", "uma vez que" etc.



introduzem a causa da ocorrência de algum fato. Existe a relação causa/consequência.

Veja:

Não vou à festa (consequência) **porque** o Cláudio não vai (causa).

Como estava chovendo (causa), ficamos em casa (consequência).

Finalidade

"A fim de que" e "para que" são locuções conjuntivas que expressam a finalidade, o objetivo, de algo. Observe:

Estude muito **para que** / **a fim de que** seja aprovado no concurso.

Condição

A conjunção "se" e as locuções "salvo se", "desde que" etc. introduzem a condição para a ocorrência de algo. Verifique os exemplos:

Desde que você coma toda a comida, pode comer a sobremesa.

Se você não quiser, não precisa comer a salada.

Concessão

São conectivos concessivos "embora", "ainda que", "mesmo que", "por (mais/menos/pouco/muito) que", "apesar de que", "conquanto", "se bem que" etc. O falante admite algo que, supostamente, seria argumento de seu interlocutor, fazendo, então, uma concessão, mas faz prevalecer o seu argumento, o seu ponto de vista. Em outros termos, o fato expresso no segmento concessivo é admitido, mas é insuficiente para evitar a realização do fato expresso no outro segmento.

Assim como na relação adversativa, na relação concessiva são apresentados argumentos que orientam conclusões contrárias. Observe os exemplos:

Ganhei duas caixas de bombons. Embora eu adore bombons, estou fazendo regime.



Ganhei duas caixas de bombons.

Eu adoro bombons, mas estou fazendo regime.

Em ambos os casos, adorar bombons é argumento que conduz à conclusão de que irá comê-los. Contudo, fazer regime é argumento para a conclusão contrária, ou seja, não irá comê-los. O regime é o argumento mais forte, aquele que prevalece. Na concessão, o argumento mais forte é apresentado no segmento denominado tradicionalmente "principal" (que compreende a oração sem a conjunção); já na adversidade, o argumento mais forte aparece no segmento introduzido por mas.

Comparação, consequência, conformidade e proporcionalidade

Estabelecem **comparação** de igualdade, inferioridade ou superioridade os conectivos “como”, “tanto quanto/como”, menos (do) que”, “mais (do) que” etc.

Veja:

Gosto de jazz **mais do que** você (gosta de jazz).

Ela é forte **como** você (é forte).

Ela é **tão** forte **quanto** você (é forte).

Na comparação, normalmente omitimos o que está entre parênteses.

O conectivo “tão...que”, entre outros, introduz a **consequência** de algo: Estava **tão** cansado **que** não levantou do sofá. (estava tão cansada = causa; que não levantou do sofá = consequência)

As conjunções e locuções conjuntivas “como”, “conforme”, “segundo”, “de acordo com” etc. introduzem segmentos **conformativos**, como se verifica em:

De acordo com o autor, as conjunções dividem-se em coordenativas e subordinativas.

Como eu ia dizendo, a solução para seu problema é simples.

São **proporcionais** as locuções conjuntivas “à proporção que” e “à medida que”:

À medida que envelhecemos, ganhamos experiência.

É importante que você não confunda a locução proporcional "à medida que" com a locução causal "na medida em que". Elas têm sentidos totalmente diferentes, visto que a primeira indica proporção, enquanto a segunda indica causa.



A conexão entre partes do texto – palavras, orações, frases e até parágrafos – é estabelecida pelos **conectivos** (preposições, conjunções e locuções conjuntivas). Outros elementos também asseguram a coesão sequencial: **os marcadores de tempo**.

Coesão sequencial: marcadores de tempo

Ao nascer no século XII, a universidade logo se **identifica** com sua sociedade e sua cultura, tornando-se efetivamente o órgão de elaboração do pensamento medieval. **Com o correr dos tempos, antes mesmo de terminada a Idade Média**, a instituição **entra** em decadência, **cristaliza**-se nas formas de um saber ultrapassado e não **compreende** o espírito criador dos tempos modernos representado pelo Renascimento, o Humanismo e a nova ciência experimental que **desponta nos séculos XVI e XVII**. [...]

Em pleno século XVIII os reformadores do Iluminismo **advogavam** a extinção das universidades como resíduos de uma inútil tradição medieval e **propunham**, para substituí-las, a criação de escolas especializadas com objetivos de formação profissional e de academias para a pesquisa científica e o desenvolvimento da alta cultura. [...]

E **somente no século passado**, na Alemanha, que a universidade **desperta** de seu torpor intelectual para retomar, pela mão de Humboldt, a liderança do pensamento a tornar-se o grande centro da pesquisa científica.

[...]

Se na Inglaterra, **na segunda metade do século passado**, se **fundam** novas universidades incorporando as carreiras técnicas, o peso da tradição de Oxford e Cambridge racionalizada na ideia de Newman **faz** com que a universidade tenha como finalidade predominante promover o saber universal, formar o gentleman ou o scholar.



Na França a universidade napoleônica se **dedica**, antes de tudo, à preparação dos quadros superiores do país em termos de médicos, juristas, professores, altos funcionários, encarregando-se as Grandes Ecoles do treinamento dos engenheiros e demais técnicos de nível superior.

Contudo, **nesse mesmo século XIX**, a industrialização e o nascimento de uma civilização do homem comum, nos Estados Unidos, **determinam** o primeiro impacto na ideia clássica e aristocrática de universidade, própria da tradição europeia. **Em 1862**, o Morrill Act, ao instituir os Land Grant Colleges, **lança** as bases da universidade moderna de massas, destinada também ao treinamento de agricultores, mecânicos, comerciantes que constituem, na linguagem da lei, as classes industriais, enfim, toda uma gama variada de técnicos exigidos pelo rápido desenvolvimento industrial. [...].

Desde então, apesar das resistências acadêmicas, o desenvolvimento industrial e consequente democratização crescente da sociedade **vem impondo** transformações mais ou menos profundas às universidades, obrigando-as a ampliar os seus quadros [...].

Hoje, a universidade **constitui** uma das grandes instituições de seu tempo, de importância vital na aplicação do saber aos problemas da sociedade [...]

(SUCUPIRA, 1972, p. 4-7. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002101.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024, grifos nossos).

Observe no texto os seguintes termos destacados: "ao nascer no século XII", "com o correr dos tempos", "antes mesmo de terminada a Idade Média", "nos séculos XVI e XVII", "em pleno século XVIII", "somente no século passado", "na segunda metade do século passado", "nesse mesmo século XIX", "em 1862", "desde então" e "hoje".

Todos esses marcadores de tempo são importantes para a coesão textual, já que são responsáveis por marcar no texto a sequência temporal dos acontecimentos apresentados relativos ao trajeto histórico da universidade.



Se trata de dados e fatos históricos, seria esperado o uso dos tempos verbais de pretérito (perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito do indicativo). Entretanto, é possível, como faz o autor em trechos do texto, utilizar o presente do indicativo, denominado presente histórico (uma metáfora temporal). Veja os verbos que estão no presente histórico: "identifica", "entra", "cristaliza", "compreende", "desponta", "desperta", "fundam", "faz", "dedica", "determinam", "lança".

No parágrafo introduzido pelo marcador temporal "em pleno século XVIII", o autor faz uso do pretérito imperfeito ("advogavam" e "propunham"). É recomendado evitar a "mistura" de tempos verbais, ou seja, deve-se uniformizar o uso, optando-se pelos tempos de pretérito ou pelo presente histórico.

Observe ainda que, até o parágrafo iniciado por "contudo, nesse mesmo século XIX", os fatos apresentados são do passado, o que justifica o uso do presente histórico e do pretérito imperfeito. Nos parágrafos seguintes, há uma outra orientação temporal: "desde então" marca fatos que tiveram início no passado e perduram no presente, o que explica o uso da locução verbal "vem impondo", que indica continuidade no tempo. Já o advérbio de tempo "hoje" condiciona o uso do presente do indicativo ("constitui").

Podemos, pela análise realizada, verificar a importância dos marcadores de tempo na estruturação textual e a necessidade de usar os tempos verbais em consonância com tais marcadores.

Chegamos ao fim da segunda unidade. Esperamos que você tenha percebido a importância da coerência e da coesão para a produção de um bom texto escrito.



CONSIDERAÇÕES

Você estudou a conexão dentro do parágrafo e entre parágrafos, em específica aquela estabelecida por elementos anafóricos e catafóricos e por conectivos. Você soube o que é coerência e conheceu os expedientes linguísticos responsáveis pela coesão textual (pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e relativos, preposições e conjunções). Verificou, ainda, quais relações semânticas as conjunções e locuções conjuntivas estabelecem e o papel desses conectivos na estruturação textual.

Ainda relacionados à coesão, estão alguns temas da gramática, como a crase, a pontuação, a colocação pronominal e as concordâncias verbal e nominal.

Sugerimos que, a fim de aprofundar o estudo dos temas apresentados nesta unidade, você faça uma leitura dos textos indicados a seguir.

SUGESTÕES DE LEITURA

ABREU, A. S. Curso de redação. São Paulo: Ática, 2002.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. Para entender o texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2000, lições 29, 30 e 31.



REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. Curso de redação. São Paulo: Ática, 2002.

BENVENISTE, É. Problemas de linguística geral II. Tradução e revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

COSTA VAL, M. G. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FÁVERO, L. L. Coesão e coerência textuais. 9. ed. São Paulo: Ática, 2000. FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. Para entender o texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2000.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. Cohesion in English. London: Longman, 1976.

KOCH, I. G. V. A coesão textual. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1993.

_____. A coerência textual. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

_____. O texto e a construção dos sentidos. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. Introdução à linguística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. TRAVAGLIA, L. C. Texto e coerência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

MARINELLI, N. C.; ZAMPRONEO, S. Universidade: ser ou não ser Pilatos? Claretiano: Revista do Centro Universitário, Batatais, Centro Universitário Claretiano, n. 1, p. 111- 132, jan/dez., 2001.

NABUCO, J. O abolicionismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/São Paulo: Publifolha, 2000, p. 16.

NEVES, M. H. M. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

